



A SEMELHANÇA DAS PALAVRAS CAUSANDO:  
A IRRUPÇÃO DO REAL:  
A ANÁLISE DO DISCURSO ESTUDANDO A PSICOSE

THE SIMILARITY OS WORDS CAUSING  
THE IRRUPTION OF THE REAL:  
DISCOURSE ANALYSIS IN PSYCHOSIS

Patrícia Laubino Borba RODEGHER<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pelo programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail [patricia.borba.rodegher@gmail.com](mailto:patricia.borba.rodegher@gmail.com).



## RESUMO

Estudamos textos de um paciente psicótico sob a ótica da Análise do Discurso, de modo a verificar o funcionamento do real a partir das semelhanças das palavras. Os textos analisados são de um paciente psicótico que participava do grupo terapêutico Atelier de Escrita do CAPS Centro-Porto Alegre. A análise ocorre a partir da comparação de palavras semelhantes (Manteiga e Mantega) de dois textos de um mesmo paciente. Examinamos o atravessamento ideológico em ambos os textos e as marcas do atravessamento do inconsciente no segundo. Analisamos como a ideologia e o inconsciente se cruzam no segundo texto, permitindo, assim, a irrupção do real. Apesar de os funcionamentos linguísticos descritos serem atípicos para compreender o tangenciamento do real, gostaríamos de frisar que há, na organização da língua, a previsão desses funcionamentos. O atravessamento do inconsciente está nos processos metonímicos e metafóricos, formando novos signos. A tensão das condições de produção provoca o cruzamento entre o inconsciente e a ideologia no segundo texto. O excesso nos signos, ocasionado pelo cruzamento, é uma marca de resistência da língua perante o real, que surge pela coincidência política e cotidiana.

## PALAVRAS-CHAVE

ideologia;inconsciente; Análise do Discurso.

## ABSTRACT

We have studied texts by a psychotic patient from the perspective of Discourse Analysis. The texts reviewed belong to a psychotic patient who





attended the therapeutic group *Atelier de Escrita do CAPS Centro-Porto Alegre*. The comparison of similar words (*Manteiga* and *Mantega*) of two texts from the same patient is the source of the analysis. We looked at the ideological crossing in both texts and the traces of the crossing of the unconscious in the latter. We have analyzed how ideology and unconsciousness cross in the second text, thus allowing the irruption of the real. Although the linguistic functions depicted are not typical for understanding the tangency of the real, we would like to stress that in terms of language organization, there is a foresight of these phenomena. The crossing of the unconscious is in the metonymic and metaphoric processes and forms new signs. The tension of the conditions of its production causes, in the second text, the crossing between unconscious and ideology. The excess in signs, provoked by the crossing, is a trait of resistance of the language concerning the Real that arises from political and daily coincidence.

#### **KEYWORDS:**

Ideology, Unconscious, Discourse Analysis.

### **1. INTRODUÇÃO**

Estudaremos a questão do não-sentido na escrita psicótica causado pela semelhança das palavras sob a ótica da Análise do discurso. O discurso do psicótico tem um funcionamento diferencial<sup>2</sup> do discurso do neurótico (ou seja, do discurso considerado “normal”), pois seu funcionamento é constituído por

---

<sup>2</sup> Ver Borba (2006)





mecanismos de condensação e de deslocamento que pertencem às formações do inconsciente. Porém, esse discurso continua sendo determinado pela ideologia, tal qual o discurso do neurótico. Dessa forma, podemos afirmar que os textos dos pacientes também são uma reorganização, diferente da dos neuróticos, de já-ditos pertencentes ao interdiscurso.

Em nosso trabalho, analisaremos textos de psicóticos que são interpelados a escrever. Porém, a relação do paciente com a escrita se manifesta de formas bastante variadas. De acordo com a psicanalista Ramalho (2007), essas diferenças de escrita ocorrem como resultados de

diferentes condições em que os psicóticos se encontram. Alguns escrevem seus delírios, de modo a construir metáforas delirantes, como foi o caso de Schreber. Outros, no entanto, como é muito freqüente nos hospitais psiquiátricos, principalmente entre os pacientes crônicos – cronificados em uma posição objetual -, costumam apresentar uma escrita fragmentada, automática, que às vezes parece uma “salada de palavras” (RAMALHO, 2007, p. 315).

Os textos examinados são de integrantes de um grupo terapêutico fundado em 2003, denominado Atelier de Escrita, que se reúne no Centro de Atenção Psicossocial Região Centro de Porto Alegre (CAPS- Centro). Entramos em contato com as coordenadoras do Atelier<sup>3</sup> em maio de 2006. Para que fosse possível realizar a coletadomaterial que iria constituir nosso arquivo, encaminhamos pedido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Foram igualmente assinados pelos pacientes termos de consentimentos individuais, e, a partir de ambas as autorizações, foram fotocopiados os textos dos participantes do Atelier.

---

<sup>3</sup> Ester Trevisan e Denise da Silveira.





A autorização do Comitê de Ética não permite o contato do pesquisador com os pacientes dentro do Atelier nem acesso aos seus prontuários ou a qualquer tipo de informação pessoal. A autorização individual está vinculada ao anonimato.

Acreditamos que a realização desse trabalho proporcionará uma melhor compreensão tanto de questões do estudo da linguagem quanto da clínica de psicose. Tradicionalmente, estudamos o discurso na constituição subjetiva neurótica como se o funcionamento nessa constituição em particular pudesse esclarecer de forma geral o que é o discurso. A percepção de um discurso constituído em outra subjetividade, a psicótica, nos ajuda a compreender outras facetas do funcionamento discursivo e, dessa forma, compreender melhor a constituição do discurso de forma geral.

Nos debruçamos sobre o arquivo com duas questões norteadoras: dentro de uma perspectiva linguístico-discursiva, como pode ser compreendida a irrupção de efeito de não-sentido no texto do psicótico e qual o funcionamento discursivo subjacente a esse efeito? Qual o funcionamento da irrupção de não-sentido causado pela semelhança de palavras?

## **2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

A materialidade discursiva produzida por textos de psicóticos não foi prevista pelos estudos clássicos da Análise do Discurso (AD). Acreditamos que é possível incluir esse discurso nos estudos da AD porque os textos de psicóticos são atravessados por duas noções caras a essa área de estudo: o inconsciente e a ideologia.

A noção de inconsciente está intimamente relacionada à psicose. Para Lacan (1988), a psicose acontece por um acidente na estruturação da linguagem. Isso





ocorre devido ao fracasso do psicótico em atravessar os momentos lógicos do Édipo, que são os da construção do sujeito a partir de uma estruturação simbólica.

Como na psicose a clivagem não ocorreu, o inconsciente está a “céu aberto”, sendo o “inconsciente (...) algo que fala no sujeito, além do sujeito, e, mesmo quando o sujeito não o sabe, e diz sobre isso mais que do que crê, [...] nas psicoses é isso que fala” (LACAN, 1988, p. 52). Há uma distinção de como o inconsciente fala na neurose e na psicose, como podemos observar no seguinte trecho: “o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente. Ele dá um testemunho encoberto que é preciso cifrar” (LACAN, 1988, p. 153). O delírio está na dependência do inconsciente. A alucinação é o aparecimento no real daquilo que “foi rejeitado no simbólico” (LACAN, 1988, p. 57).

Outra noção da psicanálise que será estudada nesse trabalho será o real. O *real*, na Psicanálise lacaniana, é um dos registros que constituem o aparelho psíquico, tal como o *imaginário* e o *simbólico*. Para Lacan, a realidade psíquica está no real. Ela compreende o desejo inconsciente e as fantasias que estão ligadas a esse desejo, e um resto. Ou seja, uma realidade desejante que é inacessível a um pensamento subjetivo.

O real é aquilo que resiste a ser simbolizado e é “anterior” à linguagem. A realidade é uma construção da linguagem, é tudo aquilo que pode ser pensado e falado. A noção de real também está relacionada à repetição: “O real é [...] o que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, [...] não o encontra” (LACAN, 1998, p. 52).

Kaufmann (1996) nos ensina que, em Lacan, o real e o inconsciente aparecem como categorias coextensivas. As relações que se estabelecem a





partir dessas duas noções estão em seus valores negativos (“sem-sentido”, “não-sentido”): “o inconsciente alça o real à borda do impensável, do zero absoluto. Ele não parece ter outra consistência senão a ausência, outro lugar senão o ‘furo’” (KAUFMANN, p. 270).

A segunda noção que atravessa o texto do psicótico é a ideologia. A Análise do Discurso tenta compreender como a ideologia faz sentido na língua. Essa noção em Marx representa um sistema de ideias e representações que domina a mente de um homem ou de um grupo social. Ela é reformulada por Althusser (1996) a partir da materialidade histórica. Ideologia, para Althusser, “é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1996, p. 126). Ele separa o conceito de ideologia em geral como o de ideologias:

penso ser possível afirmar que as ideologias *têm uma história própria* (ainda que seja determinada, em última instância pelas lutas de classes); e por último, creio ser possível afirmar que *a ideologia em geral não tem histórias* – não num sentido negativo (sua história lhe é externa), mas num sentido absolutamente positivo (ALTHUSSER, 1996, p. 125).

Althusser compara a ideologia com o inconsciente: “a ideologia é eterna como o inconsciente”: “se eterno não significa transcendente a toda a história (temporal), mas onipresente, trans-histórico, e, portanto, imutável em sua forma em toda a extensão da história.” (ALTHUSSER, 1996, p. 125).

A formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam, mais ou menos, diretamente à posição de classes em conflito umas com as outras (ALTHUSSER, 1996, p. 166). A formação ideológica se manifesta na linguagem a partir de uma ou de várias formações discursivas. As formações



discursivas representam a ordem do dizível para as formações ideológicas. Em nosso trabalho, não iremos examinar os meandros das formações discursivas e ideológicas, mas iremos pressupor esse funcionamento para compreendermos a trajetória da produção de sentido.

### 3. ANÁLISE

Analisaremos os efeitos de sentidos na semelhança entre palavras que se estabelecem no texto B do autor V. Para isso, usaremos o texto B do mesmo autor, produzido uma semana antes, para compreendemos melhor as condições de produção desse texto.

#### **Texto A**

MANTEIGA E SHAMPOO

UMA MULHER, HÁ 4 ANOS ATRÁS FOI PRESA E FOI PARA O PRESÍDIO CUMPRIR

SUA PENADE 4 ANOS POR TER ROUBADO UM SHAMPOO NO PRESIDIO FICOU COM TRAUMAS E LHE FURARAM UM DOS OLHOS QUE FICOU SEGA.

HÁ +- UMA SEMANA OUTRA MULHER FOI PRESA POR TER ROUBADO UMA

LATA DE MANTEIGA. NO PRESÍDIO A MULHER VAI FICAR POR ENQUANTO

120 DIAS.

SERÁ QUE NÃO A PUNIÇÃO MELHOR OU MAIS ADEQUADA PARA ESTES TIPOS DE CRIME.

“O CRIME NÃO COMPENSA”

22/03/2006 V.

#### **Texto B**

A MANTEIGA

SEMANA PASSADA SOLTARAM A MULHER QUE TINHA ROUBADO UMA LATA DE MANTEGA. NO DIA DE ONTEM UM NOVO MINISTRO



TOMOU POSE POR ESCANDALOS ENVOLVENDO O GOVERNO, E  
ESTE NOVO MINISTRO NO ACASO TEM O SOBRENOME  
MANTEGA

A VIDA CONTINUA, MAIS O PREÇO DA  
MANTEGA TÁ UM HORROR, DE TÃO CARA.

V.

29/03/2006.

A análise se desenvolverá da seguinte forma: em primeiro lugar, estudaremos como ocorre o atravessamento ideológico nos textos A e B; após, analisaremos quais são as marcas do atravessamento do inconsciente presentes no texto B. Finalmente, examinaremos como ideologia e inconsciente se cruzam no segundo texto, permitindo assim a irrupção do real no texto.

O atravessamento da ideologia ocorre a partir dos sentidos mobilizados no texto, ou seja, o paciente está assujeitado a sentidos que marcam um posicionamento ideológico. Podemos observar isso pelo fato de o paciente se perguntar se não haveria uma solução mais adequada para punir quem rouba manteiga, ao invés de dizer que todo delito deve ser severamente punido para que o criminoso não volte a cometer o mesmo erro. Outro exemplo é a presença do pré-construído “o crime não compensa”, que poderia ter sido substituído por outro, “o crime deve ser bem feito para que o criminoso não seja punido”. Ou seja, ao utilizar uma determinada formulação, o paciente optou por mobilizar determinados sentidos, ao invés de outros. Isso demonstra que o paciente está afetado pelo interdiscurso e por uma determinada formação discursiva.

A marca do atravessamento do inconsciente está nos processos metonímico e metafórico, como são concebidos na teoria lacaniana, que

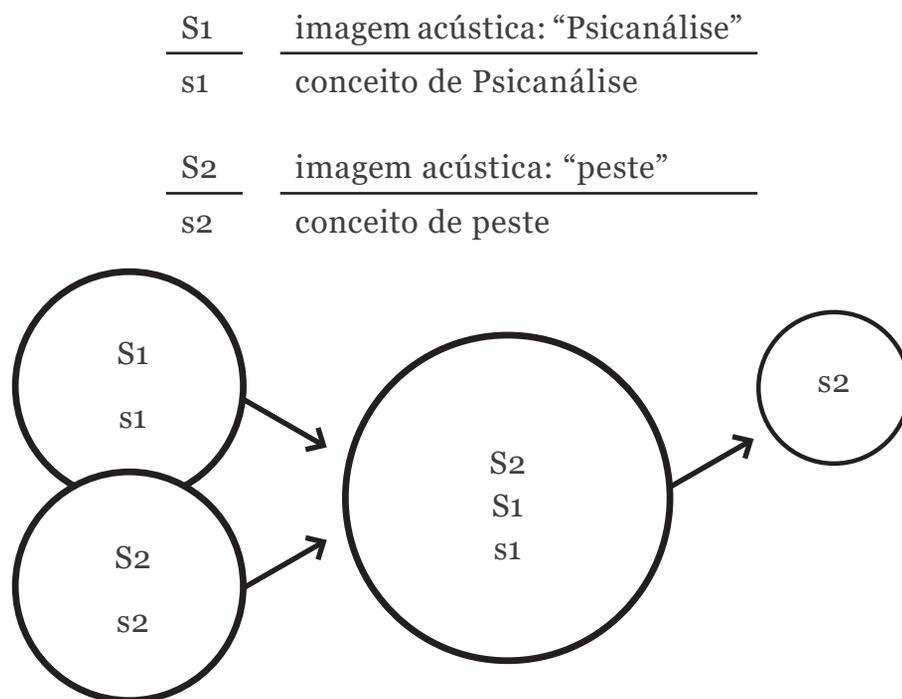




ocorrem no texto B e formam novos signos. Mostraremos esses dois processos no esquema formulado por Dor (1989). Primeiramente, trataremos da metáfora e após da metonímia.

Na metáfora, ocorre uma substituição: o S1/s1 passa pela barra de significação, transformando-se, assim, em significado de S2. É preciso ressaltar que o significado associado ao significante substitutivo S2 é um signo S1/s1, caso contrário, teríamos um signo e não uma metáfora.

#### Esquema 1– Metáfora



Fonte: Dor (1989, p. 43).

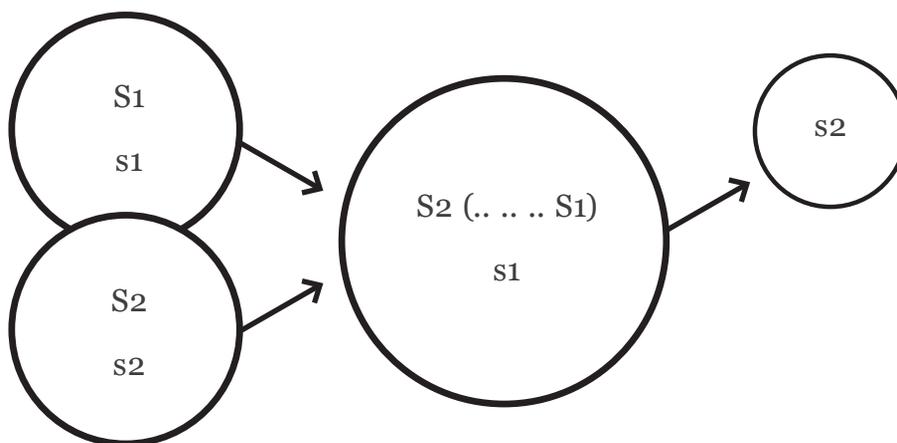
A metonímia é uma transferência de denominação em que há uma conexão entre a palavra substituta e a substituída. Utilizaremos, novamente, o exemplo proposto por Dor (1989, p. 47), que está esquematizado na figura abaixo:





## Esquema 2–metáfora

S1	imagem acústica: “análise”
s1	idéia de estar em análise
S2	imagem acústica: “divã”
s2	idéia de divã



Fonte: Dor (1989, p. 43).

No texto B, há um processo metonímico entre os significantes manteiga e Mantega. A associação entre esses elementos ocorre no nível do inconsciente, muito possivelmente pela sua semelhança formal. Esse processo resulta no signo<sup>4</sup> X. O sentido vinculado a esse novo signo X é o de alimento, enquanto o de ministro é excluído, mas fica latente.

<sup>4</sup> Na Análise do Discurso, o termo signo não é muito utilizado. Os analistas dão preferência para as noções de significante e enunciado porque expressam a questão da pluralidade dos sentidos resultante da compreensão ideológica dos sentidos. Porém, não significa que a noção de signo seja incompatível com a teoria em tela. Quando lançamos mão da noção de signo na Análise do Discurso, ele deve ser compreendido como um funcionamento discursivo efêmero, como uma percepção de um momento em que o significante se une a um significado. É necessário ressaltar que o signo está sempre vinculado a uma formação discursiva e também que no interdiscurso é impossível a concepção de signos, porque o interdiscurso é a instância da pluralidade dos sentidos.





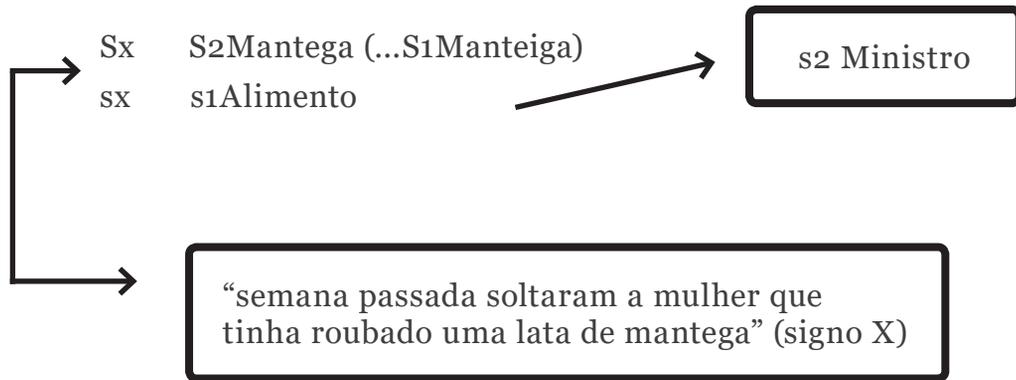
Esquema 3–Metonímia no texto B:

Signos:

S1 Manteiga	S2 Mantega
s1 alimento manteiga	s2 Ministro Mantega

Fonte: Elaboração própria.

Esquema 4–Metonímia ocorrida no texto B:



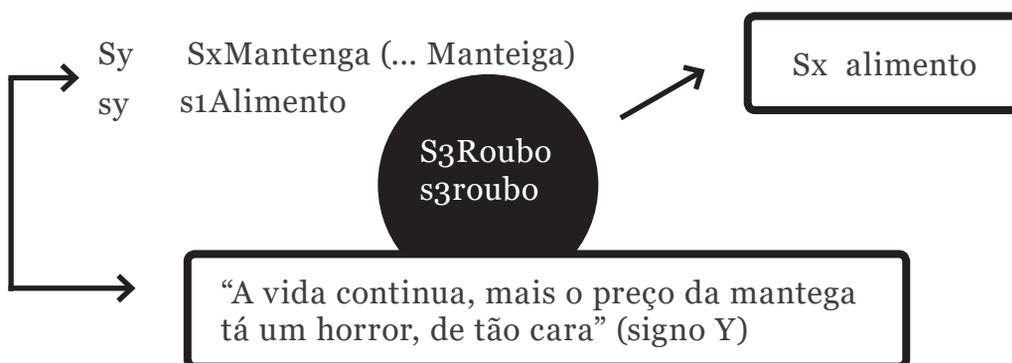
Fonte: Dor (1989, p. 43).

Também podemos visualizar uma metáfora no signo X, que é o resultado de um processo metonímico, e o signo 3, roubo (esse signo é evocado tanto na política quanto no caso do roubo da manteiga), formando assim o signo Y. Ou seja, os signos S1 (manteiga) S2 (Mantega) e S3 (roubo) se romperam para formar o signo X e o signo Y.





Esquema 5 –metáfora.



Fonte:Elaboração própria.

Vimos como ocorre o atravessamento tanto do inconsciente quanto da ideologia no texto. Haveria um cruzamento desses sistemas na produção discursiva ou eles são apenas processos isolados que se desenrolam no discurso? Acreditamos que esse cruzamento pode ser visualizado, no texto B, a partir de uma tensão entre esses dois sistemas, provocada pelas condições de produção do texto.

As condições de produção do texto são o contexto imediato (o texto está sendo produzido num grupo terapêutico de uma instituição pública de saúde em que é solicitado aos pacientes que se escreva sobre fatos cotidianos) e o sócio-histórico, que iremos dividir em acontecimentos recentes (a prisão de uma mulher que havia roubado um pote de manteiga e a posse de Guido Mantega à frente do Ministério da Fazenda devido à crise política envolvendo Antônio Palocci) e pré-construídos que fazem parte do imaginário social brasileiro (“no Brasil só se prende ladrão de galinha” e “os políticos são todos ladrões”).





Essas condições de produção estão vinculadas a um nicho de saberes que são por elas determinados. Porém, na presente análise, vamos nos restringir a três signos, S1 (manteiga), S2 (Mantega) e S3 (roubo)<sup>5</sup>, porque são esses que sofreram os processos de condensação e de deslocamento, conforme são compreendidas na teoria lacaniana, no texto B. O inconsciente possui regras que lhe são próprias, “regras muito precisas sobre as quais o eu ou *self* não possui qualquer tipo de controle” (FINK, 1998, P. 26) e que estão relacionadas à cadeia de significante e não ao significado. Lacan estabelece a relação entre a linguagem e o inconsciente ao afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. O processo que ocorreu entre esses três signos foi um processo semelhante ao da linguagem, mas no nível do inconsciente. Observaremos o exemplo que nos dá o psicanalista Fink (1998) para percebermos a semelhança entre o processo explicado pelo autor e o que percebemos no texto B. No seguinte trecho, Fink comenta a utilização, pelo paciente, da palavra *schnob*, junção de *job* e *snob*:

*job*(emprego) e *snob*(esnobe) estão relacionados porque contêm um certo número de fonemas e letras idênticas, os blocos básicos de construção da fala e da escrita, respectivamente. Portanto, essas palavras podem estar associadas no inconsciente, mesmo que não estejam associadas conscientemente pelo indivíduo cujo inconsciente estamos analisando. (FINK, 1998, p. 25).

A semelhança entre os significantes *manteiga* e *Mantega* faz com que haja inicialmente um processo metonímico. A mesma condição de produção

---

<sup>5</sup> Gostaríamos de esclarecer que não estamos pensando o signo a partir da perspectiva da literalidade. Porém, não nos aprofundaremos na constituição discursiva dos signos citados, apenas pressuporemos que eles passaram pelos filtros das formações discursivas que afetam o paciente.





que os trouxe à tona também mobilizou o signo roubo, produzindo, assim, uma metáfora entre o signo que sofreu uma metonímia e o signo roubo. A metáfora e a metonímia, observadas no texto B, são resultados das regras do inconsciente, que são sensíveis à semelhança formal dos significantes.

No texto B, esses processos ocorreram a partir tanto de uma lógica formal do inconsciente, quanto de um processo discursivo que aproximou as palavras manteiga e Mantega numa determinada condição de produção. A ocorrência, em um curto espaço de tempo, do roubo de um pote de manteiga e a posse um ministro da Fazenda cujo sobrenome possui grafia parecida com o nome do alimento, foi um acaso formal, como é explicitado pelo próprio paciente:

este novo ministro no acaso tem o sobrenome Mantega

Porém, os efeitos de sentido provocados pela substituição da palavra Mantega pela palavra manteiga na última afirmação do paciente não ocorrem por acaso - “o preço da manteiga tá um horror de tão caro”. Esses efeitos estão se apoiando em pré-construídos, como “os políticos são ladrões”, “os políticos roubam tanto que são caros para sociedade”, “o povo brasileiro sofre com os roubos dos políticos”, etc. Ou seja, a visualização do signo Y, que resulta da metáfora entre o signo X e o signo roubo, só foi possível pelo trabalho teórico de opacificação das condições de produção do texto e do assujeitamento ideológico que afeta o paciente.

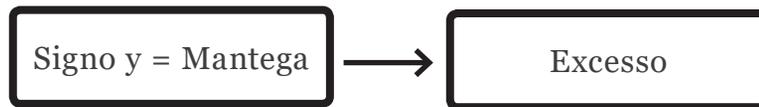
O signo Y se constitui em um excesso, provocado pelo cruzamento entre a ideologia e o inconsciente. Esse excesso é uma marca de resistência





da língua perante o real que surge pela coincidência entre os acontecimentos da posse do ministro e o roubo do alimento. No texto B, podemos observar o funcionamento da língua perante a tensão entre inconsciente e ideologia, que provoca o equívoco pelas semelhanças das palavras.

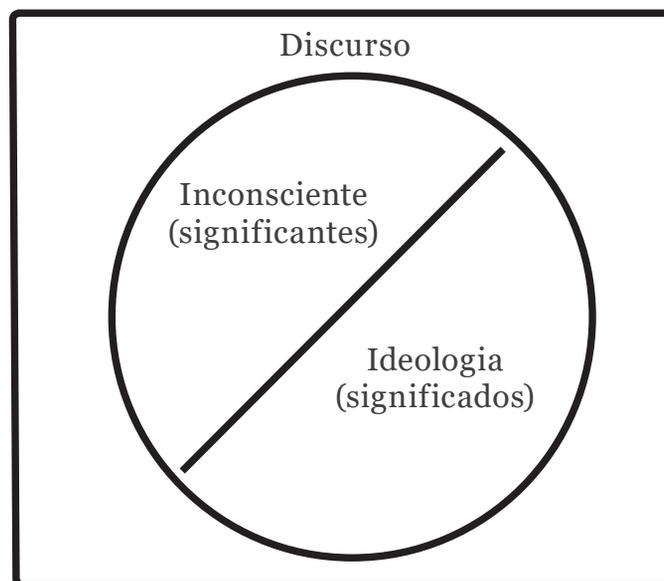
Esquema 5–Irrupção do real pela semelhança das palavras.



Fonte:Elaboração própria.

Sendo a ideologia vinculada ao sentido e o inconsciente ao significante, esses dois sistemas, ao se cruzarem, podem ser entendidos como as duas faces da mesma moeda nos processos discursivos, como podemos observar no texto B.

Esquema 6–Relação do inconsciente e da ideologia no discurso.



Fonte:Elaboração própria.





A irrupção do real nos textos analisados resultou num excesso nos signos. A seguir, diagrama que mostra essa relação:

Esquema 7—Relação inconsciente e ideologia no tangenciamento do real.



Fonte:Elaboração própria.

A irrupção do real na língua provoca funcionamentos atípicos no nível linguístico. No caso da irrupção pela semelhança das palavras, percebemos que o signo excede sua capacidade. Essas diferentes formas de constituição do signo linguístico ocorrem no nível discursivo e inconsciente.

Apesar de serem atípicos o funcionamento linguístico que descrevemos, por tratar de momentos raros de tangenciamento do real, gostaríamos de deixar claro que há, na organização da língua, a previsão desse funcionamento. Ou seja, o excesso do signo não seria uma falha do sujeito falante, mas funcionamento da língua ao se deparar com seus limites em relação ao processo de simbolização.



## 4. RESULTADOS

Na análise dos fragmentos, percebemos que o tangenciamento do real ocorre junto com vestígios de falhas no funcionamento discursivo do paciente. A Psicanálise nos ensinou que, por não atravessar o estágio do Édipo, o psicótico não entra na linguagem e na cultura. Podemos constatar, por nossas análises, que há também uma falha no assujeitamento ao discurso. O real não se inscreve no discurso e, dessa forma, é essa falha que permite seu tateamento pela linguagem<sup>6</sup>.

Apesar de a falha do assujeitamento na psicose ser estrutural, o tangenciamento do real não está presente em todas suas manifestações languageiras. Isso ocorre porque, embora seja falha, há traços de *inscrição* do psicótico no discurso, como nos mostram estudos a respeito da referência e da incisa na fala do psicótico<sup>7</sup>.

A escrita que se produz pelo tangenciamento do real – que na verdade é a escrita de uma impossibilidade – apresenta características diferentes daquelas estudadas pelos estudiosos da escrita, porque possui outro funcionamento no nível do discurso. Porém, é necessário ressaltar que, tanto a escrita do tangenciamento do real quanto a escrita cotidiana, são previstas pelo funcionamento da língua.

---

<sup>6</sup> O tangenciamento do real também pode ser observado no discurso do neurótico. Porém, nesse caso, é uma falha passageira, denunciando a incompletude do sujeito.

<sup>7</sup> Como vimos em nossa dissertação, o psicótico “por ter uma estruturação subjetiva diferenciada, passa por um processo de interpelação ideológica diferente daquela percorrido pelo neurótico. A falha na interpelação resulta em um discurso que vacila entre normalidade, em determinados momentos, e a desestruturação, em outros. Apesar da desestruturação das formulações, o discurso do esquizofrênico continua ancorado nos discursos sociais. Conforme podemos perceber nas análises das incisas, os referentes produzidos em outros discursos mantêm sua configuração original, não permitindo, assim, que outras referências sejam estabelecidas na cena enunciativa” (BORBA, 2006, p. 118),





O tangenciamento do real pode se manifestar tanto na presença de pontuação, porque ele não está relacionado com os sinais de pontuação ou com as regras de utilização desses sinais prescritas pelos gramáticos. A escrita dessa impossibilidade está relacionada com o funcionamento da pontuação, ou seja, com o mecanismo discursivo da pontuação de seleção e de organização dos saberes pré-construídos a partir do filtro das formações discursivas.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. **Um mapa para a ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105-142.

BORBA, P. L. **O funcionamento da referência na perspectiva da análise do discurso: um estudo sobre o discurso do esquizofrênico**. 2006.174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Seminário 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

RAMALHO, R. **“Escrita e Psicose”**. In: COSTA, A.; RINALDI, D. **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007, p. 313-324.

